

REVISITANDO OS THINK TANKS NA ASCENSÃO DO CONSERVADORISMO ESTADUNIDENSE: AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE E HERITAGE FOUNDATION

Camila Feix VIDAL¹
Luciana WIETCHIKOSKI²

■ **RESUMO:** Esse trabalho busca apresentar a criação, expansão e consolidação do movimento conservador nos Estados Unidos (EUA), com base no papel de dois *think tanks* estadunidenses: *American Enterprise Institute* e *Heritage Foundation*. Partindo de bibliografia especializada e de coleta de dados em fontes primárias e secundárias, essa pesquisa apresenta a criação do movimento conservador e sua expansão para a arena política nos EUA, a partir das décadas de 1940 e 1960, respectivamente. Como resultado, concluímos o estudo apontando o papel que esses *think tanks* desempenharam nos Estados Unidos enquanto corpo que se apresenta com credenciais intelectuais (e, portanto, “legítimas”) para a promoção de uma agenda conservadora no âmbito político. Mais especificamente, os *think tanks* estudados assessoram candidatos republicanos; orientam tomadores de decisões e funcionários públicos; difundem os ideais conservadores ao participarem ativamente da mídia – seja em programas e entrevistas nas rádios e canais de televisão, seja em publicações em revistas e jornais de grande circulação no país; e formam novas lideranças a serem “contratadas” pela administração republicana. Nesse sentido, os dois *think tanks* analisados serviram e ainda servem de veículo para propagação da agenda conservadora na política estadunidense.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Conservadorismo. Estados Unidos. Think tanks. Heritage Foundation. American Enterprise Institute.

¹ UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Economia e Relações Internacionais. Florianópolis – SC – Brasil. 88040 – 900. camila.vidal@ufsc.br.

² UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. 91509 – 900. Porto Alegre – RS – Brasil. wietch.luciana@yahoo.com.br.

Introdução

O conservadorismo estadunidense é resultado de um movimento que, em reação às ideias progressistas e mais especificamente ao *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt (FDR), começou a se organizar no país nos primeiros anos pós-Segunda Guerra Mundial. Criado por meio do esforço conjunto de intelectuais, empresários e movimentos sociais, estabeleceram-se três pilares ideológicos: na economia, uma aversão ao estado de bem-estar social; nas questões sociais, a retomada da moralidade, das tradições e da religião; e, na política externa, o combate ao comunismo, por intermédio de uma política intervencionista unilateral (ABERBACH; PEELE, 2011; BRENNAN, 1995; CRITCHLOW, 2007; NASH, 1996, 2009).

Em um ambiente político dominado pelos ideais “liberais”³ da “*mee too politics*”⁴, nos primeiros anos de existência o movimento ficou à margem dos principais debates públicos nacionais. A fim de criar espaços para que seus valores pudessem orientar a condução política, na década de 1950 e, com mais ênfase, nos anos 1960, ativistas conservadores geraram uma série de mecanismos, com os quais inseriram seus ideais nos mais diversos espaços de formulação e de implementação de políticas públicas. O resultado desse esforço foi a rápida institucionalização do conservadorismo na política nacional. Assim, nos anos 1970, o Partido Republicano já havia adotado o conservadorismo como direção ideológica, tornando as crenças e os valores do movimento a base das agendas dos governos republicanos. Esta aproximação também possibilitou a ativistas conservadores exercerem importantes cargos públicos de primeiro e segundo escalão, tais como chefia de departamentos e conselheiros presidenciais. Ademais, recomendações políticas conservadoras se faziam presentes em discussões das principais comissões e subcomissões do Senado e da Câmara de Representantes, bem como eram de conhecimento de todos legisladores simpáticos ao movimento em momentos de votação (NASH, 2006; SMITH, 1991).

³ O termo “liberal” usado aqui se refere ao uso nos Estados Unidos, atrelado à esquerda do espectro político e, na contemporaneidade, relacionado ao Partido Democrata.

⁴ Entre as décadas de 1940 e 1950, a política nos EUA ficou conhecida como “*me too politics*” (FIORINA, 1999), caracterizada por partidos ideologicamente semelhantes, onde facções liberais e conservadoras compartilhavam e dividiam espaço em ambas as legendas com a predominância da primeira sob a segunda. Esse é também o período das políticas centristas e bipartidárias no Congresso estadunidense, o que facilitava a implantação de medidas e a aprovação de leis (MCCARTHY et al., 2006), de níveis altos de *split-ticket voting* e de apartidarismo no eleitorado (LEVENDUSKY, 2009).

Mantendo essa presença ao longo das décadas, hoje o conservadorismo é uma ideologia tradicional no debate político estadunidense. Nesse contexto de expansão e de consolidação, a literatura especializada enfatiza a relevância dos *think tanks* nesses processos, assim como na manutenção dos ideais e dos valores conservadores no debate público e na política estadunidense (CRITCHLOW, 2007; NASH, 2006; STAHL, 2012). Ao buscar corroborar essa afirmação, cada autor enfatiza de forma individualizada os elementos/atividades criados no âmbito dos *think tanks* que possibilitaram a inserção do conservadorismo nos espaços políticos e midiáticos nacionais.

Nesse sentido, Stahl (2012) destaca, por exemplo, o papel do *American Enterprise Institute* (AEI) em formatar as ideias conservadoras em modelos acessíveis para sua inserção na mídia e nos debates/votações congressuais. Já Critchlow (2007) salienta como o AEI, por ser uma organização vista como “neutra” e baseada na “ciência”, proporcionou legitimidade pública às ideias conservadoras nele divulgadas, o que garantiu financiamento das atividades do *think tank* por grandes empresários afinados com a respectiva ideologia.

Ainda que importante para a compreensão do fenômeno enquanto uma construção histórica, essa literatura é, porém, bastante fragmentada para a compreensão da dinâmica e do papel desempenhado pelos *think tanks* na afirmação do conservadorismo na política estadunidense. De forma individualizada, pouco se apreendem os motivos que levaram ativistas conservadores a se aproximarem dessas organizações, que eram, à época (1950-60), adeptas do liberalismo e produziam políticas públicas baseadas nos ideais que o conservadorismo justamente visava combater. Também é difícil identificar e sistematizar um conjunto de ações/mecanismos dos *think tanks* que proporcionaram a ascensão conservadora na política. Por fim, também podemos apontar a dificuldade de se compreender como atualmente os *think tanks* são responsáveis pela manutenção do conservadorismo na política.

Assim, partindo de uma revisão acerca da literatura que trata especificamente das organizações chamadas nos EUA de “*think tanks*” e do uso de fontes primárias e secundárias, o presente trabalho busca compreender em perspectiva histórica o papel desses institutos na construção do ideário conservador e na “captura” do Partido Republicano (PR) como veículo político para disseminar essa agenda. Desse modo, este trabalho está

estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentamos a construção do movimento conservador nos EUA e o posterior uso do Partido Republicano na tentativa de transpor a agenda conservadora da academia para a arena política; posteriormente, apresentamos o papel desempenhando por *think tanks* no processo de criação do movimento conservador e de consolidação de sua agenda na política, com base no estudo de dois institutos – *American Enterprise Institute* e *Heritage Foundation*; por fim, concluímos o estudo apontando o papel que esses *think tanks* desempenharam nos EUA enquanto corpo que se apresenta com credenciais intelectuais (e, portanto “legítimas”) para a promoção de uma agenda conservadora no âmbito político.

Mais especificamente, os *think tanks* estudados assessoram candidatos republicanos; orientam tomadores de decisões e funcionários públicos; difundem os ideais conservadores ao participarem ativamente da mídia – seja em programas e entrevistas nas rádios e canais de televisão, seja em publicações em revistas e jornais de grande circulação no país; e formam novas lideranças a serem “contratadas” pela administração republicana.

O movimento conservador nos Estados Unidos

Enquanto movimento e ideologia, o Conservadorismo se inicia nos EUA no âmbito externo às instituições políticas, pelo esforço conjunto de intelectuais, empresários e movimentos sociais (ABERBACH; PEELE, 2011; BRENNAN, 1995; CRITCHLOW, 2007; NASH, 1996, 2009). Para além de comportar uma única e identificável visão de mundo, esse movimento se compõe de várias vertentes, por vezes antagônicas, entre elas o tradicionalismo, o libertarianismo e o intervencionismo autônomo; formando uma espécie de “guarda-chuva ideológico” (NASH, 2009). Fenômeno relativamente recente, até a década de 1950 não havia uma força intelectual, social, ou política conservadora relativamente articulada nesse país (NASH, 1996). É certo que já havia vozes dissidentes em relação ao que começava a ser caracterizado como liberalismo, da mesma forma que havia vozes a favor e contra o “engrandecimento” do Estado federal desde a concepção dos EUA. Essas vozes se agrupavam em três grandes grupos: os libertários, os tradicionalistas e os anticomunistas intervencionistas. Eram vozes soltas, porém, faltando-lhes uma

ideologia própria, ou mesmo uma “cola” que as unisse e as fizesse mais identificáveis aos olhos da população e dos partidos políticos.

Desde a eleição de Franklin Delano Roosevelt, a qual proporcionou, pela primeira vez, sucessivas vitórias dos democratas no âmbito federal, o PD trilhava um caminho liberal. De modo não muito contrário, o PR passou a trilhar o mesmo caminho (BRENNAN, 1995; GIFFORD; WILLIAMS, 2012; NASH, 1996; THOMPSON, 2007). A ala “liberal” republicana (ou *Eastern Establishment*) passou a dominar o partido a partir da década de 1940, o que contribuiu para uma “crise de identidade” do PR, que passou a não se diferenciar em grande escala de seu oponente, o PD. Ao que parecia, havia uma única tendência ideológica na política estadunidense: o liberalismo. Não sendo o PR um artifício para desafiá-la, coube a indivíduos fora do sistema político estadunidense, descontentes com o rumo que a política traçava, o desenvolvimento de uma alternativa.

O conservadorismo nasce, assim, como reação ao liberalismo a partir de fins da década de 1950 (ABERBACH; PEELE, 2011; BRENNAN, 1995; GIFFORD; WILLIAMS, 2012; ; HIMMELSTEIN, 1989; NASH, 1996, 2009; PHILIPS-FEIN, 2009; PIERSON; SKOCPOL, 2007; SCHNEIDER, 2009; THOMPSON, 2007;). Ainda que tenha raízes antigas datando da própria formação dos EUA, essa ideologia, em conjunto com as vertentes que a definem hoje, foi efetivamente “inventada” (GOTTFRIED, 2007), ou “construída” (NASH, 1996), no período imediatamente posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial com um objetivo muito claro: fazer uma contraposição à ideologia dominante (liberalismo).

Assim, esse movimento tem início fora dos partidos políticos a partir do debate que se trava entre intelectuais e acadêmicos insatisfeitos tanto com a ideologia liberal dominante quanto com a “*me too politics*”. No entanto, como argumenta Nash (1996), livros, por si só, não criam um movimento intelectual coeso da mesma forma que ideias por si só: não são suficientes para alterar o rumo da política. Daí a necessidade da construção de uma ampla rede de *networks* de influência (como associações, revistas e *think tanks*) com impacto político (BRENNAN, 1995; NASH, 1996). Essa construção de *networks* poderia ser efetivada somente com recursos financeiros. Nesse sentido, ideias e recursos financeiros tornar-se-iam cruciais para a criação e a manutenção do movimento conservador (PHILIPS-FEIN, 2009).

Desse modo, o estudo do conservadorismo estadunidense, está intimamente associado com intelectuais (bem como com as revistas e os *think tanks* desenvolvidos por eles), com ativistas (por meio de movimentos sociais) e mesmo com empresários (por intermédio do “financiamento” desses projetos). Assim, esses indivíduos construiriam uma ideologia e um movimento baseado, ao fim, em três pilares: na economia, uma aversão ao estado de bem-estar social que representava o *New Deal*; nas questões sociais, a retomada da moralidade, das tradições e da religião; e, na política externa, o combate ao comunismo, por meio de uma política intervencionista unilateral. Esses três elementos permanecem até hoje como as bases dessa ideologia: o libertarianismo, o tradicionalismo e o anticomunismo militante (HIMMELSTEIN, 1989).

De fato, a década de 1940 serviu como um solo fértil para que o movimento germinasse na década seguinte. Em 1944, o economista austríaco e professor na *London School of Economics* Friedrich Hayek lançava *The Road to Serfdom*. Tendo sido influenciado diretamente por Ludwig von Mises, essa obra expunha as bases de uma filosofia econômica que passaria a ser vinculada diretamente com o conservadorismo: o libertarianismo (ou liberalismo clássico). Nos EUA, ambos, Hayek e Mises, associaram-se ao que hoje se considera um *think tank*: a *Foundation for Economic Education* (FEE). Fundada em 1946 pelo empresário Leonard Read, essa fundação era composta por empresários, acadêmicos e economistas que tinham como objetivo divulgar a filosofia libertária. Nem a FEE, nem Hayek, ou Mises, eram vozes únicas nos EUA na década de 1940. Outras tantas obras, como *The Fountainhead*, de Ayn Rand, e instituições, ou *think tanks*, como a *Mont Pelerin Society* e a *American Enterprise Association* (AEA, posteriormente American Enterprise Institute), faziam parte de uma crescente oposição na década de 1940 às políticas de Roosevelt e à ideologia liberal que passava a imperar nos EUA.

Essa oposição que começava a tomar forma na década de 1940 não se restringia apenas à economia. Nesse mesmo momento, começava a segunda ramificação do conservadorismo: o tradicionalismo. A obra de Richard Weaver é, nesse sentido, um marco. Em conjunto com William Buckley, Russel Kirk e Robert Nisbet (que lançariam suas obras na década seguinte), esses quatro autores são considerados peças fundamentais na emergência do conservadorismo estadunidense (BRINKLEY, 1994; EDWARDS, 2008; NASH, 1996, 2006; SOFFER 2009; DOUTHAT

apud NISBET, 2010). De fato, *Ideas Have Consequences*, lançado em 1948, é considerado por Nash (2009) um dos três principais livros a definir as bases do movimento intelectual conservador (os outros dois sendo *The Road To Serfdom*, de Hayek, e *The Conservative Mind*, de Kirk) e inspiração para atores importantes no movimento conservador, tal como Frank Meyer, responsável (em conjunto com Buckley) pelo fusionismo.

Como salienta Nash (1996), esses primeiros autores conservadores das décadas de 1940 e 1950, ainda que enfatizando temas distintos, compartilhavam de certos preceitos que formariam justamente a base da doutrina conservadora. Em especial, ressaltavam a necessidade de se repensarem os preceitos liberais, no que diz respeito a um retorno ao governo mínimo. Interessante verificar a associação feita entre as práticas liberais e o enfraquecimento da tradição e da religião, em uma tentativa de tornar esse tipo de política não apenas menos palatável aos olhos da sociedade, mas moralmente errada aos olhos da religião. Por fim, nota-se também o constante embate entre: de um lado, os governos totalitários (em especial o comunismo), associados a uma maior concentração de poder, planejamento estatal, redistribuição de renda e ateísmo; do outro, governos democráticos associados a um governo mínimo, à liberdade individual, ao livre-mercado e à religião cristã. Retratando a tradição progressista, em específico o liberalismo de Roosevelt, como personificação do primeiro grupo, restaria aos conservadores a defesa do grupo contrário. O “cimento”, portanto, que une essas várias vertentes conservadoras e pensamentos fragmentados nessa época passa a ser justamente a rejeição às práticas de bem-estar social iniciadas com o *New Deal* e a aversão a governos totalitários, em específico, ao comunismo.

Paralelamente à publicação dessas obras, instauravam-se nessa mesma época, fora do âmbito acadêmico e tendo como público-alvo operários e cristãos praticantes, duas frentes conservadoras: uma pela igreja e outra pelos empresários. Ao instaurar políticas de bem-estar social em um momento de crise econômica e social, o liberalismo se apresentava com uma “aura” virtuosa (afinal, como ser moralmente contra ajuda financeira e redes de proteção social para os necessitados?) que poderia ser questionada somente se a ideologia contrária possuísse ela própria justificativas moralmente aceitáveis. A defesa de políticas libertárias na área econômica devia, assim, vir acompanhada

de justificativa religiosa. Nesse sentido, o caso da *Spiritual Mobilization* é emblemático.

As políticas de bem-estar social iniciadas com o *New Deal* passavam a ser combatidas também por empresários dentro das próprias empresas, a exemplo da *General Electric* (GE) – fosse pelo o que essa empresa representava na economia estadunidense, fosse pela natureza de seus programas de “ensino”, fosse pelo papel desempenhado pelo mais importante ator nessa missão na empresa: Ronald Reagan. Entretanto, ao mesmo tempo em que o movimento conservador se fortalecia, saindo da arena acadêmica e chegando à Igreja evangélica e ao chão das fábricas, ele se fragmentava.

Os proponentes das vertentes libertária e tradicionalista nem sempre dialogavam entre si, contribuindo para um movimento descaracterizado e fragmentado. Tensões profundas existiam entre aqueles que defendiam o livre-mercado e aqueles que defendiam um retorno à moralidade e à religiosidade perdidas. Hayek, Mises e Rand, por exemplo, eram proponentes de um tipo de liberalismo clássico que não se restringia à arena econômica. Para esses autores, o governo mínimo e a liberdade priorizada na economia (desde a defesa da propriedade privada, menos taxaço de impostos e desregulamentação do mercado) se estendiam também na área pessoal, portanto, menos interferência do governo (ou de instituições como a igreja) e mais liberdade individual. Esse não era o pensamento de outros tantos autores conservadores como Buckley, Nisbet, Weaver e Kirk, que separavam essas esferas: de um lado, o governo mínimo para uma maior liberdade individual na arena econômica; do outro, um governo que tem o dever de zelar pela moralidade da sociedade.

O movimento conservador se fragmentava ainda mais com o decorrer da Guerra Fria que inibia isolacionistas como Nisbet e Rand, por exemplo enquanto dava maior legitimidade aos militaristas como Buckley e Kirk. Desse modo, ainda que superficialmente o movimento contasse com uma certa coesão, dentro dele, as diferentes vertentes (contraditórias, inclusive) não se comunicavam. O único ponto que de fato as unia era a rejeição ao liberalismo. No entanto, as soluções apresentadas por ambos os grupos eram distintas, e as disputas e os debates, confinados ao meio intelectual. A solução veio com o esforço de Frank Meyer e de William Buckley de formular uma síntese dessas vertentes (o fusionismo) e de disseminá-la por meio de artigos e da construção de uma revista que seria a porta-voz dessa junção: a *National*

Review (NR), reconhecida hoje como a mais influente revista política na segunda metade do século (NASH, 2009, p.162).

O ponto central do fusionismo (até hoje característica do conservadorismo estadunidense) é o entendimento de que a preocupação libertária com a liberdade individual e a preocupação tradicionalista com a moralidade e a religião, longe de serem antagônicas, faziam parte de uma mesma filosofia política. Para Meyer,

The historical fact is – and it adds to the complexity of our problems – that the great tradition of the West has come to us through the nineteenth century, split, bifurcated. [...] Conservatives today can reject neither side of nineteenth century heritage; they must draw upon both. Differences of emphasis between libertarian and traditionalist cannot be avoided and should not be regretted. Conservatism has no monolithic party line (MEYER, 1960, p. 362).

O fusionismo é um produto de determinados indivíduos que conscientemente forçavam uma identificação entre as vertentes libertária, tradicionalista e anticomunista do conservadorismo e as legitimava por intermédio de artifícios vários, seja por meio de artigos e de debates publicados, seja pela construção e divulgação da NR.

Fundada em 1955 por Buckley e tendo auxílio financeiro de grandes empresas nos EUA, a NR buscava ser esse “guardachuva” a abrigar as diferentes vertentes conservadoras. Assim, propunha-se a publicar artigos fortemente anticomunistas, tradicionalistas e libertários, defendendo o livre-mercado, enquanto reconhecia a autoridade divina e a necessidade de combater o comunismo. A própria seleção dos editores refletia essa fusão. Entre eles: Frank Chorzow e John Chamberlain representavam o campo libertário; Russell Kirk e Brent Bozell, o tradicionalismo; e Frank Meyer e Richard Weaver, uma mescla de ambas as tendências. A importância dessa revista não pode ser menosprezada. Ao articular as diferentes vertentes do movimento conservador, ela contribuiu para a própria definição dessa ideologia.

Com o sucesso do fusionismo, da NR e das várias associações, instituições e obras publicadas, a década de 1950 lançava as bases para uma doutrina conservadora relativamente coesa e que podia, então, fazer frente ao liberalismo prevalecente. O próximo passo seria adentrar na política estadunidense. Nesse

sentido, a década de 1960 se tornaria um marco para o sucesso político do movimento conservador que, emergindo quase que da escuridão na década de 1950, ganharia proeminência no PR com a nomeação de Barry Goldwater em 1964.

A eleição de Goldwater, então senador do Arizona pelo PR, foi resultado de um esforço conjunto de intelectuais, ativistas, empresários e instituições conservadoras. Segundo Nash (1996), o papel desses indivíduos se mesclou com a política de um modo nunca antes presenciado na história dos EUA. A NR foi responsável pela promoção da candidatura desde o seu início, Kirk ajudou a preparar discursos para Goldwater, Milton Friedman foi seu conselheiro econômico, William Rusher (*publisher* da NR) se envolveu profundamente na campanha, e intelectuais como Meyer, Buckley, Bozell e Rand se esforçaram na divulgação e no apoio ao candidato. A eleição de Goldwater foi um projeto conjunto de indivíduos “de fora” do PR que buscavam colocar o ideário conservador na agenda política, por meio de um veículo para isso, no caso, o PR. A atuação de instituições e de *think tanks* como AEI, Young Americans for Freedom (YAF) e Grupo de Chicago; além de indivíduos como Buckley, Bosnell, Schlafly, Baroody, Manion e White, seria essencial para a “construção” e para a divulgação da candidatura de Goldwater na eleição presidencial de 1964. Faz-se importante mencionar também o papel de grandes empresários que, antes mesmo da candidatura ser formalizada, já iniciavam um processo de doação maciça para Goldwater⁵.

A nomeação de Goldwater serviu tanto para “institucionalizar” essa ideologia no PR (GIFFORD; WILLIAMS, 2012, p. 263) e, portanto, institucionaliza-la na política, como também para se definir em oposição ao liberalismo, levando essa opção ao eleitorado. Nesse sentido, a figura de Goldwater colocava fim à “*me too politics*” e à tendência liberal na política, contribuindo para sair do centro e “empurrar” o partido para a direita do espectro político (THOMPSON, 2007). A nomeação de um “*Mr. Conservative*” tornou mais claros os preceitos conservadores para o eleitorado: enquanto o liberalismo defendia uma maior atuação do governo federal na construção de redes de proteção e de estado de bem-estar social, o conservadorismo atentava para o agigantamento do governo e para a necessidade de res-

⁵ Entre eles, as famílias Du Pont, Eli Lilly, Jasper Crane, Walt Disney, Walter Knott, Horace Stoneham, Dan Gayney, Lemuel Boulware, entre outros (PHILIPS-FEIN, 2009).

tringi-lo a seu papel de mero fornecedor de serviços essenciais para a manutenção e a defesa da nação; enquanto o liberalismo defendia os direitos das minorias (fossem elas mulheres, afrodescendentes, homossexuais, etc.), o conservadorismo focava-se na necessidade de se valorizar tradições, valores cristãos e a família; por fim, enquanto o liberalismo defendia uma política externa multilateral, levando-se em conta a necessidade de concertação internacional, o conservadorismo pregava o intervencionismo autônomo que preservaria a soberania nacional nos assuntos externos. Assim, essa dicotomia *liberal x conservador* em praticamente todas as esferas políticas teve seu início nessa mesma candidatura, marcando tanto um momento de inflexão na “*me too politics*” como de início da suposta polarização partidária.

Goldwater foi derrotado nas urnas em 1964, mas não o movimento conservador. Ao contrário, as décadas de 1960 e 1970 seriam fundamentais para a reorganização do movimento e para a captura, mais uma vez, da nomeação de um conservador à Presidência, em 1980, desta vez com sucesso eleitoral. É nesse período que Buckley inicia o que viria a ser o mais longo programa de debates na história da televisão nos EUA, o *Firing Line*, que visava à exposição da ideologia conservadora e mesmo do embate entre suas diferentes vertentes em rede nacional. É também nesse período que revistas como a *National Review*⁶ ganham proeminência, enquanto outras tantas do mesmo estilo conservador também passam a circular e a ganhar destaque. E, finalmente, é também nesse momento que *think tanks* como o AEI⁷ têm um crescimento explosivo e passam a trabalhar de forma mais direcionada, buscando influenciar uma determinada formação de opinião pública, condizente com os preceitos conservadores (PHILIPS-FEIN, 2009). Esse período seria ainda fundamental para a maturação do movimento conservador e da sua relação com o PR, por conta da emergência da direita religiosa (partindo de organizações como a *Moral Majority* e a *Christian Coalition* e da infraestrutura das chamadas “*megachurches*” e “*eletronic ministry*”)⁸ e dos neoconservadores.

⁶ Em 1970, a *National Review* e a *Human Events* já detinham, cada uma, 100 mil assinaturas. (HIMMELSTEIN, 1989).

⁷ A AEI teve seu orçamento aumentado em dez vezes nesse período, graças à doação de fundações como a Ford Foundation, a Lilly Endowment, a Scaife Foundation, entre outras; e de empresas como a General Motors, US Steel, Mobil, Standard Oil, etc. (CRITCHLOW, 2007; GIFFORD; WILLIAMS, 2012).

⁸ A direita religiosa, cuja origem data de fins da década de 1960, é a denominação dada à grande coalizão de religiosos praticantes que abarca católicos, judeus ortodoxos, protestantes, pentecostais e evangélicos. Ver Aberbach; Peele, 2011; Schneider, 2009.

Relativo a esses últimos, os neoconservadores são indivíduos que, anteriormente identificados com o Partido Democrata, desvinculam-se dessa legenda por conta de um conjunto de divergências internas e passam a defender certos princípios relacionados à forma de atuação da política externa no período pós-Segunda Guerra Mundial. Esses intelectuais são reconhecidos por seus posicionamentos anticomunistas e pela ênfase dada ao intervencionismo autônomo, compartilhando as mesmas bases ideológicas do movimento conservador nessa instância. O neoconservadorismo se difere do movimento conservador, no entanto, por conta de uma questão importante: seus proponentes iniciais, Irving Kristol, Daniell Bell, Nathan Glazer, Seymour Martin Lipset e Daniel Moynihan, vinham da esquerda estadunidense – eram democratas e trotskistas “socialistas não comunistas” (HALPER; CLARKE, 2004).

A partir de 1960, esses intelectuais formariam laços com importantes *think tanks* conservadores, entre eles, o *American Enterprise Institute* e a *Heritage Foundation*, iniciando um processo tanto de conversão ao conservadorismo quanto de inserção no PR. Durante a década de 1970, a defesa de um engajamento ativo contra a União Soviética e a crítica à política de apaziguamento seria o mote dos neoconservadores que atacariam tanto os governos republicanos de Nixon e Gerald Ford, como o democrata de Jimmy Carter. Nesse momento, já era impossível ignorar o movimento que contava com um número crescente de apoiadores (financeiros, ou não) e contribuições de intelectuais⁹. No entanto, ainda que com uma agenda política específica, esses intelectuais se concentravam no meio acadêmico. Suas contribuições se restringiam, ao menos em sua grande maioria, ao debate intelectual que as revistas e *think tanks* lhes permitiam.

A eleição de Reagan à Presidência redefiniu as bases do neoconservadorismo. Com uma agenda de política externa baseada no ativo anticomunismo e engajamento militar contra a União Soviética, o então presidente passou a representar a causa neoconservadora. Como consequência, a maioria dos neoconservadores se aliou ao Partido Republicano, ocupando posições nessa administração¹⁰. Essa segunda geração de

⁹ Um estudo desenvolvido por Peter Steinfelds em 1979 apontou que um em cada quatro “elite intellectuals” se considerava neoconservador (HALPER; CLARKE, 2004, p.46).

¹⁰ Entre eles, Richard Perle, Jeane Kirkpatrick, Mak Kampelman, Elliott Abrams, Paul Wolfowitz, Richard Allen, Fred Ikle, Kenneth Adelman, William Bennett, Linda Chavez, Chester Finn, Robert Kagan, William Kristol e Richard Pipes (DORRIEN, 2004, p. 10).

neoconservadores se diferencia da primeira, porém, na medida em que, ao contrário dos anteriores, estão intimamente ligados à direita estadunidense, fazendo parte da política de forma ativa. Enquanto a primeira geração se associava com a esquerda democrata, a nova geração “had moved too far to the right to come back to the Democrats. Their political home was now the Republican Party” (DORRIEN, 2004, p. 39). Além disso, a Academia e o debate intelectual que definia o neoconservadorismo da primeira geração dá espaço para um grupo de neoconservadores que, ainda que façam uso do meio acadêmico e intelectual, passam a ser definidos não por suas produções textuais, mas por suas contribuições nos governos republicanos que se seguem. Tendo como expoentes William Kristol, Robert Kagan, John Podhoretz (todos filhos de *neocons* da primeira geração), além de Perle e Wolfowitz, este grupo passaria a dominar a política externa estadunidense na década seguinte, durante o governo George W. Bush.

Em resumo, o que se entende por conservadorismo é a união dessas três vertentes. O conservadorismo atual mantém essa mesma fusão, ainda que com novas estratégias, lideranças e movimentos. Amálgama de ideologias, visões de mundo, agendas políticas e proponentes que nem sempre dialogam entre si, foi sendo construído de modo a abarcar, ao menos em seu exterior, uma certa coesão. O conservadorismo é, em primeiro lugar, uma reação contra o liberalismo.

Para os libertários, o liberalismo significa um governo federal cada vez maior, associando-se a um estado totalitário, que retira parte da propriedade privada do indivíduo para redistribuição e para manutenção do seu aparato burocrático. Para os tradicionalistas, o liberalismo significa a erosão dos valores cristãos e da tradição estadunidense. É a desintegração da família tradicional, é a erosão do papel dos pais como educadores, a desestruturação das funções tradicionais desenvolvidas por homens e mulheres, o comportamento “libertino”. Já para os intervencionistas militaristas, o liberalismo é a capitulação dos EUA frente ao mundo externo. É o enfraquecimento de sua soberania frente a acordos e a organismos internacionais e do próprio território nacional diante de políticas de *appeasement*.

Na área econômica, portanto, o conservadorismo é, sobretudo, libertário. Defende o “mérito” e a propriedade privada como um bem supremo, logo, acredita que impostos devem ser mínimos, e não progressivos. Essa é sua concepção de justiça. Essa

característica está muito visível na área social. O conservadorismo valoriza uma certa hierarquia em todos os sentidos: familiar, social e econômica. Como já atentava Kirk, é a diferença entre o escalão da frente e o de trás a força motriz do progresso. Essa hierarquia obviamente tem raízes nas tradições: assim, depreende-se a não interferência em questões raciais, bem como a hierarquia do empregador em relação ao empregado, ou mesmo do pai frente ao filho. Por fim, na arena externa, o conservadorismo defende uma ideia de defesa nacional por meio da expansão militar e do intervencionismo autônomo. Valoriza sua soberania, seu território e seus nacionais. Essa questão ficou bem clara na contínua transferência de “inimigos externos”: antes relegado à então URSS, agora encompassando diferentes movimentos internacionais (entendidos como “terroristas”, ou não), países e ameaças, em especial o Oriente Médio. A condução da política externa é, assim, intervencionista e unilateral. Não apenas não há necessidade de aliados na tomada de uma decisão, como qualquer tipo de organização, ou tratado, internacional que limite de alguma forma a atuação estadunidense é severamente condenado.

Mas, afinal, o que são os *think tanks* nos EUA?

Ao longo de 100 anos de história nos EUA, os *think tanks* passaram por muitas transformações. Atualmente, com mais de 1.800 institutos no país (MCGANN, 2019), os *think tanks* têm grande diversidade de tamanho, origem e montante de recursos financeiros. A maioria conta com um pequeno quadro de funcionários, muitas vezes não passando de uma dezena. Alguns *think tanks* têm, no entanto, uma grande estrutura, com sedes situadas em importantes locais de Washington, e centenas de funcionários trabalhando em tempo integral, como é o caso da *Brookings Institution*, do *Council on Foreign Relations* (CFR) e dos *think tanks* aqui analisados, *Heritage Foundation* e *American Enterprise Institute*. A origem e o montante orçamentários também são diversos. Apesar da pouca transparência na divulgação dos dados pelas próprias organizações¹¹, é possível

¹¹ Os dados a respeito dos recursos financeiros dos *think tanks* são apresentados em seus relatórios anuais, disponibilizados para *download* em seus *sites*. Apesar de apresentarem o total de doações e de gastos gerais, os relatórios não costumam especificar a origem das doações, por exemplo, indicando o valor doado por países, ou por *lobby* estrangeiro, os quais são os principais doadores individuais, quando isso ocorre.

identificar que alguns *think tanks*, como o *Wilson Center*¹² e a *RAND Corporation*¹³ contam expressivamente com recursos financeiros do governo estadunidense. Já *think tanks* como *Brookings Institution* têm entre seus doadores, além do governo federal, fundações privadas e até mesmo contribuições de outros países (ABELSON, 2016). Nos *think tanks* conservadores, a origem dos recursos econômicos é exclusivamente privada, advindo de doações de empresários, fundações e indivíduos (ABELSON, 2006; WIETCHIKOSKI, 2018;).

Os *think tanks* também são classificados por ideologia: os *progressives* e os *conservatives*. No primeiro grupo, estão os *think tanks* cujas agendas se identificam com redução de desigualdades (de classe, de raça e de gênero), meio ambiente e regulação da economia pelo Estado. Entre eles, estão o *Center for American Progress* (CAP) e o *Center on Budget and Policy Priorities*, além dos já citados *Brookings*, *CFR* e *Wilson Center*. Já os *conservatives* são os *think tanks* conservadores que têm uma agenda ligada à família tradicional, “lei e ordem”, posse de armas, valores cristãos e limitação do papel do Estado na economia (ABELSON, 2006; WIETCHIKOSKI, 2018).

Para além dessa diversidade, atualmente os *think tanks* têm um conjunto de atividades comuns, as quais são desenvolvidas dentro e fora de suas sedes (ABELSON, 2006, 2016; MEDVETZ, 2012). Classificadas como ações públicas (aquelas que são de conhecimento compartilhado por todos), ou reservadas (restritas ao contato interpessoal entre políticos, burocratas, empresários e membros dos institutos), os *think tanks* apresentam suas recomendações aos tomadores de decisões por meio de *policy briefings*, ou em audiências públicas no Congresso; fornecem opiniões a legisladores em encontros privados; organizam eventos para discutir temas; promovem ideias e agendas em redes compostas pela elite política, dos negócios, da mídia e do meio intelectual nacional; e atuam ativamente na mídia nacional, posicionando-se como intérpretes de grandes questões políticas em pauta. Além do mais, em cada ciclo eleitoral, acolhem e fornecem quadros para os governos (ABELSON, 2006; MCGANN; SABATINI, 2011; MCGANN; WEAVER, 2000; SMITH, 1991).

¹² Segundo seu relatório de 2019, o orçamento de 2018 foi de US\$ 32,5 milhões, sendo 32,2% advindos do governo federal dos EUA (WILSON CENTER, 2019).

¹³ Conforme seu relatório anual (2019), em 2019, a RAND obteve 86% de seus contratos e receitas nos exercícios de agências do governo federal dos EUA (RAND CORPORATION, 2019).

Essa intensa interação dos *think tanks* com diferentes espaços sociais e políticos é uma característica peculiar do fenômeno nos EUA. Dois fatores associados explicam essa dinâmica. Por um lado, os políticos estadunidenses têm uma cultura de desconfiança em relação ao governo, que leva à valorização dos meios privados sobre a esfera pública para a solução de problemas. Assim, mesmo com uma burocracia capaz de oferecer aos legisladores elementos técnicos para a tomada de decisão, políticos dos EUA se mostram, geralmente, abertos para receberem influxos dos *think tanks*. Fazendo-se presente aos legisladores por meio das intensas estratégias de inserção acima apontadas, as propostas políticas dos *think tanks* orientam o curso das decisões dos legisladores em diferentes circunstâncias¹⁴. Junto a essa cultura política, os EUA têm um sistema político de tomada de decisões descentralizado. Com uma multiplicidade de órgãos envolvidos¹⁵, cujas ações estão abertas para receberem ideias provenientes de grupos da sociedade civil, os *think tanks* têm amplo e diversificado espaço de atuação (ABELSON, 2006, 2016, 2018).

O conservadorismo nos *thinks tanks*: legitimidade intelectual e influência nas decisões políticas

Quando os proponentes do movimento conservador se aproximaram dos *think tanks*, no final da década de 1960 e início de 1970, porém, estas organizações ainda não possuíam todas essas características que assumem hoje – inclusive, muitos de seus elementos constitutivos atuais foram inovações desenvolvidas a partir da *American Enterprise Institute* e da *Heritage Foundation*, como será apresentado na próxima seção. Nos anos 1960, não havia mais de uma dezena de *think tanks* em atividade nos EUA. Amplamente influenciados pela era progressista, o trabalho principal dessas organizações se centrava na produção de extensos documentos (superando as 100 páginas), e seu envolvimento político partia dos próprios tomadores de decisão, que os procuravam de tempos em tempos

¹⁴ Em um estudo de caso, Donald Abelson demonstrou como um pequeno grupo de *think tanks* influenciou a formação e o avanço de uma agenda voltada para o desenvolvimento da Iniciativa Estratégica de Defesa (Star Wars) na administração de Ronald Reagan (1981-1989) (ABELSON, 2006, p. 182-224).

¹⁵ Por exemplo, em política externa, atuam junto ao presidente os Departamentos de Estado e de Defesa, o Congresso e agências como a Agência de Segurança Nacional (*National Security Agency* – NSA) e a Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency* – CIA).

para aconselhamento (ABELSON, 2006; RICH, 2004; SMITH, 1991). Mas o que levou o movimento conservador a se aproximar dos *think tanks*?

A explicação está no acesso que essas organizações tinham aos legisladores e ao ambiente político de forma geral, muitas vezes se tornando importantes aportes para a tomada de decisões (ABELSON, 2006, 2018; CRITCHLOW, 2007; GIFFORD; WILLIAMS, 2012; NASH, 1996; RICH, 2004; SMITH, 1991). Consolidadas as ideias que orientariam o movimento, em meados da década de 1960, havia ainda uma grande dificuldade de implementação das políticas públicas sob a perspectiva conservadora. Nesse contexto, alguns de seus integrantes que atuavam na política por meio de assessoramento aos primeiros parlamentares conservadores observaram como os *think tanks* que produziam estudos a respeito de pautas legislativas possuíam grande acesso a esses ambientes em razão de uma legitimidade intelectual. Consideradas pelos próprios políticos como instituições neutras que visavam à produção de políticas públicas com base técnica, era comum legisladores buscarem orientações em tais instituições (os *think tanks*) para suas tomadas de decisões, bem como alguns de seus membros serem convidados a fazer parte do quadro de funcionários das administrações públicas.

Assim, assessores parlamentares como William Baroody, Paul Weyrich e Edwin Feulner passaram a ver nos *think tanks* uma grande oportunidade para o conservadorismo adquirir autenticidade pública e, ao mesmo tempo, conseguir se inserir nos ambientes decisórios nacionais, influenciando as decisões dos legisladores. Desse modo, a fim de compreender a importância dos *think tanks* para a inserção das ideias conservadoras no ambiente político nacional e identificar como os *think tanks* forneceram legitimidade intelectual às ideias conservadoras, vejamos brevemente como se desenvolveu o processo de interação entre *think tanks*, academia/cientificidade e a política nacional.

O surgimento dos *think tanks* nos EUA é resultado do contexto dos anos finais do século XIX e início do XX. Uma ampla simpatia pelos valores políticos progressistas por parte de grandes empresários, bem como suas vivências na primeira grande guerra mundial, moveu-os a criar e a financiar – através de suas fundações – alguns institutos, cujo objetivo era levar maior racionalidade à administração pública e apresentar soluções pacíficas para a resolução de conflitos. Nesse contexto, foram fundados *Brookings*

Institution (1916), *Carnegie Endowment International for Peace* (1910) e *Council on Foreign Relations* (1921).

Contando com orçamentos milionários (a *Carnegie*, por exemplo, começou suas atividades com a doação de US\$ 10 milhões de Andrew Carnegie) e empregando profissionais oriundos da então incipiente Ciências Sociais, o objetivo inicial desses institutos era produzir estudos com recomendações políticas sobre a agenda de políticas públicas, tais como políticas orçamentárias e fiscais, funcionalismo público, comércio internacional e até mesmo sobre agências de cooperação internacional. Baseados nos valores progressistas de cientificidade, neutralidade e racionalidade, estes trabalhos – que eram muito semelhantes às teses acadêmicas – ficavam à disposição dos tomadores de decisões que buscavam esses materiais, ou o aconselhamento político com seus elaboradores (ABELSON, 2006; MCGANN; WEAVER, 2000; MCGANN; SABATINI, 2011; RICH, 2004).

Durante a década de 1930, houve um aprofundamento da interação desses institutos com a política. Com a implementação das políticas do *New Deal*, o conhecimento técnico dos *think tanks* foi requerido pelo Estado e, em diferentes ocasiões, estes institutos participaram – apresentando suas elaborações políticas – das diversas comissões de discussão e implementação de projetos. Neste período, membros dos *think tanks* também começaram a interagir mais intensamente nas atividades políticas. Passaram, por exemplo, a fornecer assessoria em campanhas eleitorais (elaborando discursos políticos, ou formulando programas de governo). Já nas administrações, tornou-se cada vez mais comum esses membros (os *policy experts*) ocuparem cargos públicos, embora vá ser apenas a partir da década de 1960 que alcançarão cargos do primeiro escalão (ABELSON, 2006; MCGANN; WEAVER, 2000; RICH, 2004; SMITH, 1991).

A participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, a maior exigência de conhecimento técnico especializado para tomada de decisões políticas em curtos espaços de tempo intensificaram ainda mais a participação dos *think tanks* no processo de formulação de políticas. Foi comum seus *policy experts* – juntamente com intelectuais do meio acadêmico – fornecerem suas expertises para a administração do conflito, participando, ao lado dos militares, do processo de gestão dos recursos financeiros e de pessoal, reconhecimento

das características dos inimigos e escolhas de estratégias de batalhas (SMITH, 1991).

Nesse período também surgiram *think tanks* responsáveis por implementarem um novo tipo de interação entre esses centros e a política. Oriundos de projetos civis que haviam participado da gestão administrativa da guerra junto com o governo estadunidense, a partir de 1945 esses projetos se transformaram em instituições sem fins lucrativos, as quais, mediante demanda e financiamento estatal, continuaram a elaborar soluções políticas voltadas para assuntos de segurança e defesa. Mantendo os princípios advindos dos primeiros *think tanks* (legitimidade baseada na expertise, na cientificidade e na neutralidade), também incorporaram novas técnicas de análise das Ciências Exatas (principalmente Engenharia e Física). Durante a Guerra Fria, *think tanks* desse tipo, como a *RAND Corporation* (1948), acabaram desempenhando papel relevante nas opções políticas para a condução da política externa estadunidense como, por exemplo, o desenvolvimento de uma metodologia de análise amplamente utilizada pelo governo desse período: a análise sistêmica (*system analysis*) (ABELSON, 2006; SMITH, 1991).

Portanto, quando o movimento conservador começou a tomar forma, na década de 1950, os *think tanks* já eram prestigiados na comunidade política, sendo tratados como autoridades intelectuais em assuntos políticos. Vistos como instituições tradicionais de pesquisa não partidárias, os trabalhos produzidos pelos *think tanks* circulavam em diferentes espaços do processo de formulação de política, e seus *policy experts* eram atores conhecidos e respeitados pelos tomadores de decisão (MEDVETZ, 2012; SMITH, 1991; RICH, 2004).

Think tanks, popularização da ideologia conservadora e influência no processo decisório

As primeiras ações que resultariam na formação de *think tanks* conservadores tiveram início ainda nos anos 1960, mas foi a partir da década de 1970 que estas organizações passaram a atuar sistematicamente no fomento do conservadorismo na política e no debate público nacional. A partir de então, os *think tanks* foram utilizados como espaços de produção de propostas legislativas, bem como de veículo para “transportar” essas ideias para assessores parlamentares, congressistas, burocratas, presidentes, mídia e empresariado nacional. Também se

tornaram os espaços por excelência para abrigar os intelectuais do movimento, centros de formação de novas lideranças, abrigo para políticos conservadores egressos de suas atividades e fornecedores de quadros especializados às administrações (geralmente admitidos como funcionários comissionados, ou de alto escalão, em governos conservadores).

Nesse contexto, a literatura destaca dois *think tanks* como fundamentais para se compreender como se formou e se consolidou a dinâmica acima apresentada: o *American Enterprise Institute* (AEI) e a *Heritage Foundation* (CRITCHLOW, 2007; GIFFORD e WILLIAMS, 2012; NASH, 1996). A AEI foi o marco inaugural da aproximação do movimento a esses centros. Nele, foram desenvolvidas estratégias que, na década de 1970, impulsionaram as ideias conservadoras no ambiente político e serviram de exemplo para centenas de novos *think tanks* conservadores que seriam criados, incluindo a *Heritage Foundation*. A *Heritage Foundation* foi, em 1973, o primeiro *think tank* fundado pelos próprios conservadores. Absorvendo as técnicas desenvolvidas pela AEI, a *Heritage* também desenvolveu inovações, ao resumir as recomendações políticas contidas em documentos extensos em propostas legislativas de uma a duas páginas, as quais passaram a ser sistematicamente entregues antes das votações para todos os congressistas simpáticos às ideias do movimento. Concomitantemente com outras ações, a *Heritage* construiu um *think tank* não apenas voltado para a divulgação das ideias conservadoras, mas também dirigido a influenciar a comunidade de políticas públicas em Washington – o que, na sequência, tornou-se uma das características dos *think tanks*, inclusive naqueles das primeira e segunda gerações.

American Enterprise Institute (AEI)

Criada em 1938 pelos principais executivos de empresas como Bristol-Myers, General Mills e Chemical Bank, o objetivo da AEI (até 1962 denominada de *American Enterprise Association*) era, segundo os próprios fundadores, “promover maior conhecimento público e compreensão das vantagens sociais e econômicas acumuladas para os cidadãos estadunidenses através da manutenção/permanência do sistema de liberdade empre-

sarial competitiva" (AEI, 2017, não paginado, tradução nossa¹⁶). Portanto, essa instituição, além de ir ao encontro dos valores comuns dos demais *think tanks* do período, reunia as vozes dissidentes do keynesianismo.

Até 1960, contudo, o AEI não tinha muita expressividade no ambiente político. Com um orçamento anual médio de US\$ 80 mil, este *think tank* se dedicava a fornecer análises de políticas econômicas para um pequeno grupo de empresários. Esse quadro mudou em 1962, quando William Baroody assumiu a Presidência do *think tank*. Político com passagens pela Câmara de Comércio, desde a década de 1940 Baroody era conhecido no meio político e empresarial estadunidense por defender a diminuição do papel do Estado na economia e por criticar as propostas presentes no *New Deal*. Com a ascensão do conservadorismo, Baroody se aproximou de suas principais lideranças, entre elas, Barry Goldwater, do qual se tornou assessor de campanha durante sua candidatura presidencial, em 1964. Baroody também era muito próximo de importantes políticos republicanos como Richard Nixon e Gerald Ford (SMITH, 1991).

Na Presidência do AEI, Baroody abraçou o compromisso de desenvolver um instituto fortemente comprometido com a promoção dos valores conservadores na comunidade política de Washington. Para tanto, criou uma série de estratégias até então inexistentes nos *think tanks*. Chamado de o "empresário de intelectuais" (SMITH, 1991), seu objetivo era tornar o *think tank* uma fábrica de ideias conservadoras, cujos consumidores seriam a sociedade em geral e, em especial, os líderes políticos (ABELSON, 2006; SMITH, 1991). Assim, o AEI elaborou, inspirado em estratégias de *marketing* financeiro, mecanismos de "venda" das crenças políticas que foram por ele desenvolvidas. Organizou eventos (ou "seminários") na sede, para os quais convidava líderes do governo. Os membros desse instituto também passaram a ser incentivados a fortalecerem laços com grandes empresários, funcionários públicos e assessores de congressistas, o que se manifestou por meio de reuniões privadas, encontros informais nos corredores do Capitólio e jantares com lideranças políticas na capital, Washington, D.C. (CRITCHLOW, 2007; GIFFORD; WILLIAMS, 2012).

¹⁶ Do original: "Greater public knowledge and understanding of the social and economic advantages accruing to the American people through the maintenance of the system of free, competitive enterprise".

Baroody também passou a recrutar grandes nomes do conservadorismo. Assim, começaram a fazer parte do AEI, Irving Kristol; economistas como Milton Friedman, Herbert Stein e Marvin Kosters; sociólogos como Robert Nisbet; cientistas políticos como Robert Goldwin, Jeane Kirkpatrick e Walter Berns; além do teólogo Michael Novak e do escritor Ben Wattenberg (ABELSON, 2006; AEI, 2017; SMITH, 1991). Nesse contexto, o *think tank* desenvolveu uma agenda voltada à promoção da “desregulamentação, reforma tributária, política comercial, problemas de bem-estar social e revitalização da defesa e política externa” (AEI, 2017).

A partir desse conjunto de ações, os ideais conservadores deixaram de ser restritos a discussões particulares, ou apenas ao meio intelectual, e se tornaram cada vez mais comuns nos espaços de formulação e de implementação de políticas públicas dos EUA. Ademais, estas atividades desenvolvidas pelo AEI mais tarde passaram a ser incorporadas por todos os *think tanks*, transformando a dinâmica dessas organizações com o ambiente político (SMITH, 1991).

O grande esforço de Baroody de tornar as ideias conservadoras conhecidas se refletiu na expansão do tamanho do AEI. Se, em 1960, ele era um pequeno e inexpressivo *think tank*, o AEI chega ao início de 1970 com um orçamento anual de US\$ 1 milhão e com uma equipe de dez pesquisadores/residentes. Já no final da década tem uma expansão ainda maior: seu orçamento alcançou US\$ 8 milhões com uma equipe de 125 membros (AEI, 2017).

Ao longo das décadas seguintes, o AEI continuou suas atividades e adotou novas estratégias de atuação, muitas delas oriundas da *Heritage Foundation*. Atualmente, com uma agenda que compreende os temas de economia, política externa e de defesa, saúde, educação, política e opinião pública, pobreza, e sociedade e cultura; um orçamento anual superior a US\$ 50 milhões e 225 funcionários, o AEI é bastante conhecido no debate político e midiático nacional. Dados do relatório anual desse instituto afirmam que, em 2015, o AEI concedeu mais de 2.300 entrevistas para rádio e televisão, 71 testemunhos no Congresso e teve cinco milhões de acesso ao seu *website* (ABELSON, 2018; AEI, 2016, 2019; MCGANN, 2019).

Nomes conservadores da política recente também são parte da equipe da AEI, como Richard Perle (membro do Conselho de Política de Defesa do Pentágono na gestão Bush filho), Lawrence Lindsey (presidente do Conselho Econômico Nacional na gestão

Bush filho), David Frum (ex-redator de discursos no governo de George W. Bush), Paul Wolfowitz (ex-vice-secretário de Defesa e o 10º presidente do Banco Mundial) e John Bolton (ex-embaixador nas Nações Unidas e ex-conselheiro de Segurança Nacional no governo Donald Trump) (ABELSON, 2018; AEI, 2019).

Heritage Foundation

Fundada em 1973 por um grupo de assessores parlamentares, a *Heritage Foundation* é considerada o primeiro *think tank* criado pelos próprios ativistas conservadores. Liderados por Paul Weyrich¹⁷ e por Edwin Feulner¹⁸, a ideia se desenvolveu em meio ao debate que estes assessores realizavam sobre a necessidade de fazer o conservadorismo superar o que identificavam ser sua principal dificuldade no ambiente decisório no período: a ausência de implementação substancial de políticas públicas fundamentadas nos seus ideais (ABELSON, 2006, 2018; EDWARDS, 2008; SMITH, 1991). Para estes ativistas, a falta de orientação ideológica coerente de seus legisladores comumente os levava a votarem desalinhados aos valores e crenças do movimento (ABELSON, 2018; EDWARDS, 2008; SMITH, 1991). Mesmo o presidente da época, o republicano Richard Nixon, recebia críticas desse grupo por considerarem que suas políticas estavam se desviando do que definiam ser uma agenda conservadora¹⁹ (SMITH, 1991).

Em suas experiências no cotidiano congressual, estes ativistas verificavam que havia pouco espaço de produção de diretrizes políticas conservadoras que pudessem auxiliar seus parlamentares. Suas pequenas equipes – ocupadas quase exclusivamente em atividades de auxílio a seu eleitorado, ou de correspondência – não tinham tempo para se dedicar a questões políticas enfrentadas pelos seus chefes. Os serviços de assessoria oferecidos pelo próprio Congresso (como, por exemplo, o *Congressional Research Service* e o *Government*

¹⁷ Ativista conservador e, na época, assessor do senador republicano Gordon Allott.

¹⁸ Ativista conservador e, na época, assessor do congressista que então seria o membro republicano mais antigo da Câmara, Phillip R. Cran. Cran exerceu a legislatura de 1969 a 2005.

¹⁹ No início de sua administração, tanto Nixon como as lideranças republicanas na Câmara tenderam a apoiar o desenvolvimento de uma agenda social, especialmente o projeto “Plano Familiar de Assistência” e a “Lei do Desenvolvimento Integral da Criança”. Se tivesse sido aprovado, o projeto criaria, por exemplo, um sistema nacional de creches. Para os conservadores, o projeto era uma ameaça à estrutura tradicional da família e uma abertura à entrada do comunismo nos EUA. Em 1971, o projeto foi vetado pelo presidente Nixon (SMITH, 1991).

Accountability Office), tidos como órgãos demasiadamente liberais para se confiar, eram pouco consultados pelos assessores dos congressistas mais conservadores. Fora do *Capitol Hill*, os ativistas reconheciam como brilhantes os trabalhos produzidos pelo AEI. Sentiam-se frustrados, porém, por estes muitas vezes chegarem tarde demais às mesas de assessores e não serem aproveitados para orientar o voto dos congressistas (ABELSON, 2006, 2018; SMITH, 1991).

Um exemplo citado pelo próprio Feulner foi a votação do projeto para o desenvolvimento do transporte supersônico (*Supersonic Transport*). Alinhado a uma das principais bandeiras do conservadorismo (defesa da expansão militar dos EUA), o AEI produziu um documento, contendo uma série de argumentos defendendo o projeto, mas que chegou até ele dois dias após a votação. Como Feulner observou:

Weyrich and I were having lunch together and he showed me a study that had the pros and cons on the SST (Supersonic Transport). It was a good analysis, but it arrived on his desk the day after the vote took place. We both kicked that around and said, "Wouldn't it be great if there were an institution that delivered the kind of timely, usable policy analysis so that those of us working on the Hill could really make use of it?" I immediately called up the President of the organization to praise him for this thorough piece of research and asked why we did not receive it until after the debate and the vote. His answer: they did not want to influence the vote. That was when the idea for the Heritage Foundation was born (ABELSON, 2006, p.39).

Assim, em 1973, a *Heritage Foundation* abre suas portas com o objetivo bastante claro: combater o Estado de bem-estar social (CRITCHLOW, 2007; SMITH, 1991), estabelecendo mecanismos para influenciar a implementação de políticas públicas, com base nos princípios conservadores de "livre-iniciativa, governo limitado, liberdade individual, valores tradicionais americanos e uma forte defesa nacional" (THE HERITAGE FOUNDATION, 2020). Como Edwin Feulner ressaltou em uma entrevista ao jornal *The Washington Post*: "Our role is trying to influence the Washington public policy community... most specifically the Hill, secondly the executive branch, thirdly the national news media" (THE WASHINGTON POST, 1983).

Nesse contexto, a *Heritage* gera um novo formato de apresentação de suas ideias. Substituiu a produção de relatórios, ou livros, baseados em uma linguagem academicista e passa a investir fundamentalmente em inovadores documentos de em média duas laudas. Abrangendo recomendações políticas, geralmente expostas em forma de tópicos, com um vocabulário jornalístico, estes documentos facilitaram a rápida circulação e assimilação das recomendações políticas conservadoras sobre temas em discussão no Congresso para assessores e parlamentares. Chamados de *policy briefings*, ou *executive memorandum*, hoje são muito comuns nos espaços políticos, também utilizados pelos demais *think tanks*, lobistas e até mesmo a burocracia (ABELSON, 2006, 2018; SMITH, 1991).

A *Heritage* também inovou ao ser o primeiro *think tank* a elaborar um mecanismo para inserção sistemática das ideias conservadoras entre agentes políticos importantes. Com uma equipe específica, a organização construiu uma lista com nomes, endereços e temas de interesse de assessores, congressistas e funcionários públicos, cujas visões eram simpáticas aos ideais e valores desse mesmo instituto (SMITH, 1991). Sempre atualizada, a *Heritage* sistematicamente passou a enviar seus informativos (inclusive seus *policy briefings*), prestar assessoria intelectual e convidar este pessoal a participar de eventos na sede do instituto (ABELSON, 2006, 2018; SMITH, 1991). A partir destas ações, orientações conservadoras se intensificaram entre os tomadores de decisões em Washington.

Em meados dos anos 1980, a *Heritage* criaria ainda uma nova dinâmica para os *think tanks*, ao se transformar em um centro formador de novas lideranças do movimento. Nesse sentido, começou a oferecer cursos que, em pouco tempo, firmaram-se como formação “curricular obrigatória” (SMITH, 1991) para jovens ativistas conservadores. O *think tank* também incentivou assessores de Washington, ou de passagem pela capital, a frequentarem o instituto e a participarem das atividades em sua sede, o que tornou a *Heritage* “um ponto de encontro” às incipientes lideranças do movimento (SMITH, 1991).

Por fim, a *Heritage* fez seus ativistas/membros não apenas terem mecanismos de contato com tomadores de decisão, mas que também se tornassem parte das administrações republicanas. Assim, nos anos 1980, o *think tank* começou a elaborar um “banco de talentos”, sistematicamente reforçado, para inseri-los em cargos oficiais. Conseguiu colocar diversos

ativistas na administração Reagan e, na administração George H. W. Bush, a *Heritage* entregou mais de 2.500 currículos à equipe de transição (SMITH, 1991).

Em menos de dez anos de funcionamento, esse conjunto de estratégias – concomitantemente com o aumento dos recursos financeiros – se refletiu em um exponencial crescimento e reconhecimento público da *Heritage* e de suas ideias conservadoras. Seu orçamento inicial de US\$ 250 mil, doados pelo empresário Joseph Coors, com uma pequena equipe, saltou para um orçamento médio de US\$ 10 milhões (advindos de fundações privadas conservadoras e de indivíduos), já no início da década de 1980. Na administração Reagan (1981-1989), a *Heritage* ganhou proeminência ao elaborar o famoso relatório *Mandate for Leadership*, o qual serviu de guia para a agenda presidencial. Outro exemplo do prestígio deste *think tank* no ambiente político – apesar de difícil mensuração – se deu em sua festa de comemoração de dez anos (1983). O evento contou, como orador principal, com o então presidente Ronald Reagan e com discursos de políticos como Jeane J. Kirkpatrick (na época, embaixadora dos EUA nas Nações Unidas) (ABELSON, 2006; SMITH, 1991; THE WASHINGTON POST, 1983).

Atualmente, a *Heritage Foundation* tem cerca de 250 membros e um orçamento de US\$ 90 milhões – do qual um quarto advém de doações anuais de mais de 500 mil pessoas (ABELSON, 2018; THE HERITAGE FOUNDATION, 2017). Com grande circulação nacional, suas ideias são consumidas por membros das equipes conservadoras do Congresso, agentes administrativos comissionados, funcionários públicos, jornalistas, além da população em geral. Para se ter uma compreensão da presença deste *think tank* no debate público nacional, em 2016 a *Heritage Foundation* realizou 810 entrevistas para a televisão e 3.000 para o rádio. Seu principal boletim informativo, *Daily Signal*, recebeu mais de 17 milhões de visitas, e seu site oficial, 12 milhões (THE HERITAGE FOUNDATION, 2017; 2016). Participam do *think tank* nomes conservadores como o próprio presidente do instituto, o ex-senador Jim DeMint, o empresário e membro do conselho consultivo Steve Forbes e o economista e *distinguished visiting fellow* Stephen Moor.

Um exemplo da continuidade de suas estratégias é descrito pelo jornalista do jornal *The New York Times*, Jonathan Mahler. Ao escrever um artigo em junho de 2018, trazendo densos dados sobre a relação entre a *Heritage* e o governo de Donald Trump, ele

expõe uma das intensas estratégias do *think tank* de se inserir as ideias conservadoras no ambiente decisório:

The Trump team may not have been prepared to staff the government, but the Heritage Foundation was. In the summer of 2014, a year before Trump even declared his candidacy, the right-wing think tank had started assembling a 3,000-name searchable database of trusted movement conservatives from around the country who were eager to serve in a post-Obama government. The initiative was called the Project to Restore America, a dog-whistle appeal to the so-called silent majority that foreshadowed Trump's own campaign slogan (MAHLER, 2018).

Em seguida, aponta que, com base nas recomendações da *Heritage*, gabinetes importantes do governo Trump estão compostos com membros desse instituto. Entre eles, Scott Pruitt, Betsy DeVos, Mick Mulvaney, Rick Perry e Jeff Sessions. Ao todo, cerca de 66 empregados e/ou membros da *Heritage* estão atuando no governo Trump.

Considerações finais

Esse trabalho buscou apresentar como a ideologia conservadora nos EUA, hoje tão enraizada no Partido Republicano, foi construída e mantida com a ajuda de institutos “intelectuais” – os *think tanks*. Para isso, apresentamos como se deu a “invenção” do conservadorismo, com base em uma tríade que inclui ativistas sociais, empresários e intelectuais – esses últimos centralizados nos *think tanks* que iriam se responsabilizar por dar forma e coesão à agenda republicana e transpô-las para o âmbito político tendo como veículo o Partido Republicano. Nesse sentido, o texto se concentra em dois institutos em particular: AEI e *Heritage Foundation*. De fato, podemos nos questionar o que seria do conservadorismo sem o papel desses *think tanks* que não apenas possibilitaram a criação e a difusão de uma agenda conservadora, como foram responsáveis por capacitar tomadores de decisão e lideranças republicanas.

A história do AEI apresenta elementos centrais para a compreensão da emergência do conservadorismo no ambiente público e na política estadunidense. Elaborando novas técnicas de interação social, o *think tank* criou um espaço e mecanismos para que intelectuais conservadores apresentassem suas

propostas entre si e para os tomadores de decisões. Além disso, possibilitou que políticos simpáticos ao movimento pudessem ter recomendações políticas conservadoras bem fundamentadas e argumentadas em suas mãos e, ainda, que o público em geral tivesse maior contato com os ideais do movimento (o que se concretizou a partir de programas de rádio e artigos em jornais elaborados pela AEI). Essas inovações se tornam ainda mais relevantes para compreensão do fenômeno, na medida em que tais técnicas também passaram a orientar as atividades dos novos *think tanks* conservadores que surgiriam a partir da década de 1970.

Já a *Heritage Foundation*, além de incorporar as técnicas desenvolvidas pelo AEI, desenvolveu cinco ações inovadoras: 1) produziu documentos com temas, tamanhos e linguagem adaptados ao tempo político; 2) entregou essas produções a todos os assessores parlamentares, presidentes e funcionários públicos abertos a receber estes influxos; 3) formou novas gerações de ativistas/intelectuais conservadores; 4) inseriu ativistas em posições administrativas públicas de destaque; e 5) expôs ideias políticas conservadoras nas principais mídias nacionais. As novas estratégias desenvolvidas pela *Heritage Foundation* alteraram a própria dinâmica dos *think tanks* nos EUA.

Esses revolucionários “autoconscientes” usaram as organizações de pesquisa para fazer política de novas formas (SMITH, 1991, p.203), desafiando as bases sobre as quais institutos antigos, como *Brookings*, *RAND*, e *Urban Institute*, funcionavam. Nesse sentido, a história dos *think tanks* conservadores é muito rica e nos apresenta elementos essenciais para se compreender a ascensão, consolidação e manutenção do conservadorismo nos EUA. Com esse fim, foi possível demonstrar nesse trabalho como esses *think tanks* criaram estratégias de ação, objetivando que as ideias conservadoras não apenas circulassem, mas que chegassem aos tomadores de decisões simpáticos ao movimento. O trabalho desses institutos fez ainda que as ideias conservadoras se ampliassem na sociedade em geral a partir do uso extensivo de mídias diversas. Por fim, esses institutos tiveram sucesso no avanço do conservadorismo na política, ao formar e capacitar “novos conservadores” e levá-los a cargos políticos.

Mais especificamente, os *think tanks* conservadores passaram a assessorar candidaturas republicanas (seja ao Congresso, ou à Presidência); a fornecer orientações políticas para tomadores de decisões e funcionários públicos; e a popularizar o conservado-

risimo, ao deixá-lo diariamente presente em artigos nos principais jornais do país, levando seus ativistas a programas e entrevistas na televisão/rádio. Além disso, os *think tanks* também se tornaram o principal espaço para o encontro dos intelectuais e ativistas do movimento, de políticos conservadores egressos de seus exercícios e de formação de novas lideranças na forma de um “banco de talentos” a serem “contratados” pelas administrações republicanas. Esses institutos “intelectuais” foram (e continuam sendo) uma base sólida da criação, expansão e manutenção do movimento conservador nos EUA.

VIDAL, C. F; WIETCHIKOSKI, L. Revisiting think tanks on the rise of North American conservatism: American Enterprise Institute and Heritage Foundation. *Perspectivas*, São Paulo, v. 54, p. 107-139, jul./dez. 2019.

■ **ABSTRACT:** *This work seeks to present the rise and setting of the conservative movement in the United States from the role of two North American think tanks: American Enterprise Institute and Heritage Foundation. From specialized literature and primary and secondary data collect, this research presents the rise of the conservative movement and its expansion to the political arena in the USA from 1940s and 1960s, respectively. As a result, we conclude the study pointing the role that these think tanks had in USA while an organism that presents itself with intellectual credentials (therefore, “legitimate”) to the promotion of a conservative agenda in the political realm. More specifically, the think tanks studied advise Republican candidates; guide decision-makers and public staffs; propagate the conservative ideals when participating actively in media – such as programs and talk shows in radios and television channels or publications in important journals and magazines – and build new leaderships to be hired by the Republican administration. As such, both think tanks analyzed serve as a vehicle to propagate the conservative agenda in the US political realm.*

■ **KEYWORDS:** *Conservatism. United States. Think tanks. Heritage Foundation. American Enterprise Institute.*

Referências

ABELSON, E. D. *A Capitol Idea: think tanks and US foreign policy*. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2006.

ABELSON, E. D. *A Capitol Idea: think tanks and US foreign policy*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2018.

ABELSON, E. D. *Northern Lights: exploring Canada's Think tank landscape*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2016.

ABERBACH, J. (ed.); PEELE, G. *Crisis of conservatism? The Republican Party, the Conservative Movement, and American politics after Bush*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Our scholars. Washington, DC, 2019. Disponível em: <https://www.aei.org/our-scholars/>. Acesso em: 19 mai. 2019.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. History of AEI. Washington, D.C., 2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090708195505/http://www.aei.org/history>. Acesso em: 27 jun. 2017.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Annual Report 2016. Washington, D.C., 2016. Disponível em: <http://annualreport.aei.org/2016/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BRENNAN, M. *Turning right in the sixties: the conservative capture of the GOP*. Chappel Hill: The University of North Carolina Press, 1995.

BRINKLEY, A. *The problem of American conservatism*. The American Historical Review. Volume 99, Issue 2 (April 1994), p. 409-429.

CRITCHLOW, D. *The conservative ascendancy: how the GOP right made political history*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

DORRIEN, G. *Imperial Designs*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

DOUTHAT, R. Introduction to the background edition. In: NISBET, R. *Quest for community: a study in the ethics of order and freedom*. Wilmington, Delaware: ISI Books; Kindle e-book, 2010.

EDWARDS, M. *Reclaiming conservatism*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FIORINA, M. P. What happened to the medium voter? MIT Conference on Parties and Congress, 1999. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~mfiorina/Fiorina%20Web%20Files/MedianVoterPaper.pdf> Acesso em 12/1/2013.

GIFFORD, L. J.; WILLIAMS, Daniel (Eds.). *The right side of the sixties: reexamining conservatism's decade of transformation*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2012.

GOTTFRIED, P. *Conservatism in America: making sense of the American right*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007.

HALPER, S.; CLARKE, J. *America alone*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2004.

HIMMELSTEIN, J. *To the right: the transformation of American conservatism*. Berkeley: University of California Press, 1989.

LEVENDUSKY, M. *The Partisan Sort*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

MAHLER, J. How one conservative think tank is stocking trump's government. *The Nova Iorque Times*, Nova Iorque, 20 June 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/20/magazine/trump-government-heritage-foundation-think-tank.html>. (2018). Acesso em: 19 mai. 2020.

MCCARTY, N.; POOLE, K. T.; ROSENTHAL, H. *Polarized America*. London: The MIT Press, 2006.

MCGANN, J.; WEAVER, K. *Think tanks and civil societies: catalysts for ideas and action*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2000.

MCGANN, J. G. *The Global Go To Think tanks Report*. 2019. Disponível em: https://repository.upenn.edu/think_tanks/17/. Acesso em: 4 mai. 2018.

MCGANN, J.; SABATINI, R. *Global Think tanks: policy networks and governance (global institutions)*. Nova Iorque: Routledge, 2011.

MEDVETZ, T. *Think tanks in America*. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945*. Wilmington: Intercollegiate Studies Institute, 1996.

NASH, G. H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*. Wilmington: ISI Books; Kindle e-book, 2006.

NASH, G. H. *Reappraising the right: the past and future of American conservatism*. Wilmington: ISI Books, 2009.

NISBET, R. *Quest for Community: a study in the ethics of order and freedom*. Wilmington, Delaware: ISI Books; Kindle e-book, 2010.

PHILIPS-FEIN, K. *Invisible hands: the making of the conservative movement from the new deal to Reagan*. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 2009.

PIERSON, P; SKOCPOL, T (Eds.). *The transformation of American politics: activist government and the rise of conservatism*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

RAND CORPORATION. Consolidated financial statements fiscal year ended September 30, 2019. Washington, D.C., 30 Sept. 2019. Disponível em: https://www.rand.org/pubs/corporate_pubs/CP665.html. Acessado em 19 mai. 2020.

RICH, A. *Think tanks, public policy and the politics of expertise*. Cambridge University Press, 2004.

SCHNEIDER, G. L. *The conservative century: from reaction to revolution*. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, Inc., 2009.

SMITH, J. *The idea brokers: think tanks and the rise of the new policy elite*. Nova Iorque: Free Press, 1991.

SOFFER, R. *History, historians and the conservatism in Britain and America*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

STAHL, J. M. *Selling conservatism: think tanks*. Charleston: Proquest, Umi Dissertation Publishing 2012.

THE HERITAGE FOUNDATION. The Heritage Foundation's Financial Information. Washington, DC, 2017. Disponível em: <http://www.heritage.org/article/the-heritage-foundations-financial-information>. Acesso em: 27 jun. 2017.

THE HERITAGE FOUNDATION. Annual report 2016. Washington, D.C., 2016. Disponível em: http://thf-reports.s3.amazonaws.com/2017/2016_AnnualReport_WEB.pdf. Acesso em 4 set. 2017.

THE HERITAGE FOUNDATION. About Us. Washington, D.C., 2020. Disponível em: <https://www.heritage.org/about-heritage/mission>. Acesso em: 10 mar. 2020.

THE WASHINGTON POST. Building a heritage in the war of ideas. Washington, D.C., 1983. Disponível em: <https://www>.

washingtonpost.com/archive/lifestyle/1983/10/03/building-a-heritage-in-the-war-of-ideas/94b4f088-c527-4629-89a6-b394ceb7c85c/. Acesso em: 10 mar. 2020.

THOMPSON, M. *Confronting the new conservatism: the rise of the right in America*. Nova Iorque: Nova Iorque University Press, 2007.

WIETCHIKOSKI, L. A atuação internacional do Brasil no século XXI: as visões dos principais *think tanks* estadunidenses (2003-2016). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

WILSON CENTER, Annual Report. Washington, D.C., 2019. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/uploads/documents/Wilson_Center_Annual_Report_2019.pdf. Acesso em 19 mai. 2020.